

*Postprint of chapter published in BARRENTO, João (org.), «A conta-corrente do mundo». Llansol e a escrita do diário, Espaço Llansol e Mariposa Azual, Coleção Rio da Escrita. XXIII, Lisboa, Set. 2022, pp.66-86. ISBN: 978-972-8481-78-0; DL:504.355/22*

**"E onde uma pessoa está, ser totalmente, cem por cento ser".**

***Afecção e escrita em Maria Gabriela Llansol e Etty Hillesum\****

Cristiana Vasconcelos Rodrigues (UAb / CECComp, FLUL)

\* Dedico este texto a Maria Cecília Cardim, que há 21 anos me ofereceu a edição francesa dos escritos de Etty Hillesum, tendo sido este o meu primeiro contacto com esta escritora holandesa.

**"A vida consiste em histórias que querem ser contadas por mim."<sup>1</sup>**

**"Este texto é a cena primitiva do texto. / A mulher não existe, mas é escrita por —  
—"<sup>2</sup>**

Enquadrando-se formalmente no tipo diarístico, a escrita de Etty (Esther) Hillesum contém em si uma força dialogante para fora do género, que coloca esta mulher de 29 anos entre os místicos mais marcantes do século XX. Para os que estudam os textos e os modos do escrever (literário), e nomeadamente a escrita llansoliana fragmentária e sincopada, é surpreendente descobrir no texto de Etty Hillesum, a partir de um registo formal e de um contexto de escrita totalmente diversos do de Llansol, uma mesma demanda da alegria e do júbilo e um mesmo encontro de pensamento e afecto. Trata-se de um escrever que oscila entre hesitação e confiança, sinal, sobretudo, do cuidado em não cair num subjectivismo banal e esgotado por certas palavras ou expressões, sem contudo cultivar um virtuosismo abstractizante, ou seja, sem sair de um registo que prima por um imediatismo e despojamento a um grau desconcertante. E, sobretudo isso, a escrita de Hillesum, tal como em Llansol, concretiza a potência do agir pela palavra, cultiva o escrever como acção no mundo,

---

<sup>1</sup> HILLESUM, Etty, *Diário 1941-1943*, pref. José Tolentino Mendonça, trad. Maria Leonor Raven-Gomes, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p.112. Entrada de "4 de Setembro [de 1941] dez e meia de quinta-feira à noite".

<sup>2</sup> LLANSOL, Maria Gabriela, *Uma data em cada mão. Livro de Horas I*, selecção, transcrição, introdução e notas de João Barrento e Maria Etelvina Santos, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p.23. Entrada datada de 14 de Fevereiro de 1972.

sediada na atenção ao mais insignificante detalhe, na vigília e no cuidado, no estado de alerta contínuo, para que nada seja em vão. Tudo isto nos é transmitido pelo seu diário (e complementado pela sua correspondência), e tudo isto aproxima Etty Hillesum de Maria Gabriela Llansol e da matéria-prima que cunha a sua escrita.

Há, no espólio de Maria Gabriela Llansol, sinais de um encontro com Hillesum: na biblioteca encontra-se a edição francesa do diário e da correspondência de Etty Hillesum<sup>3</sup>; encontramos, também, a menção da leitura de Hillesum, a par de Rilke, em alguns dos cadernos diários de Llansol em 1999; e há ainda o fragmento 26 de *O começo de um livro é precioso*<sup>4</sup>, dedicado a Etty Hillesum. Sinais que, por si só, não fazem mais do que confirmar o que é comum em Llansol – na sua biblioteca encontram-se biografias e diários de uma miríade de figuras; e o seu texto acolhe, de forma singular, muitas das vozes que Llansol lê. Neste contexto, não podemos afirmar que Etty Hillesum seja uma figura central para entendermos o texto llansoliano, tendo uma presença muito discreta, por comparação a outros nomes também presentes na sua biblioteca. Se ensaiarmos agora a possibilidade de um encontro destas duas mulheres a partir dos escritos de Etty Hillesum, encontramos alguns pontos de meritória reflexão, já que se trata de um escrever que decorre da afecção e da intensidade dos dias vividos, qualquer coisa que aproxima estes dois nomes de forma inexorável, porque estamos em face do testemunho de uma mulher que, em mais do que um lugar do seu diário, exprime o desejo de ser o "coração pensante"<sup>5</sup> das barracas do Campo de Trânsito de Westerbork (onde se encontra), uma formulação que *per se* aproxima Hillesum de Llansol e da sua demanda ética.

Assim, a partir de exemplos da voz diarística hillesiana tentaremos uma aproximação ao espírito da letra llansoliana em dois aspectos que se alimentam reciprocamente: o aspecto da relação de ambas com a História, ou com o espaço-tempo em que escrevem, e o aspecto da relação de ambas com a sua escrita, encarada como caminho, ou errância. Guardando uma certa distância dos escritos de Hillesum e de Llansol, e considerando apenas a presença neles de uma determinada auto-encenação, diríamos que estamos perante o desenho de duas raparigas: *a rapariga que temia a impostura da língua/a rapariga desmemoriada* (a figura llansoliana

---

<sup>3</sup> *Une vie bouleversée (journal 1041-1943) suivi des Lettres de Westerbork*, traduit du néerlandais par Philippe Noble, Paris: Éditions du Seuil, 1995.

<sup>4</sup> Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

<sup>5</sup> In *Diário 1941-1943*, *op. cit.*, p.282.

que ecoa uma determinada experiência biográfica de Llansol, não se bastando a isso) e a *rapariga que não conseguia ajoelhar-se/a rapariga que aprendeu a rezar* (sendo que esta aprendizagem por Hillesum ecoa uma experiência biográfica mais vasta do que o que se convencionou chamar-se a sua conversão espiritual). O desenho destas duas raparigas merece ser estudado a fundo, num plano mais filosófico que se prende com a manifestação de um desejo que consideramos comum a ambas as escritoras, e que ensaiamos descrever da seguinte forma: há um singular desejo de *ressuscitação*, expresso pela rapariga desmemoriada em *O jogo da liberdade da alma*<sup>6</sup>, que merece ser confrontado aos muitos passos do diário de Hillesum em que se fala, nem sempre literalmente, de redenção e de amor. Este desejo liga-se estreitamente a um eudemonismo que ambas as escritoras professam e de cuja demanda a sua escrita dá testemunho, predispondo-se a um exercício de abertura ao devir, captando a sua diversidade e com ela predispondo-se à mudança, à transformação, numa dinâmica de afecção de raiz espinosiana.

A afinidade que acabamos de descrever entre as *raparigas* de Etty Hillesum e de Maria Gabriela Llansol esbate a importância de algumas fronteiras no exercício analítico, que se impõem com toda a pertinência, dada a radical divergência entre os universos de vida e de escrita de ambas. Convém, portanto, não esquecer que a *rapariga* llansoliana é, antes de mais, uma figura do seu texto literário e não a escritora Llansol, por muito autobiográfica que seja; e que a *rapariga* hillesiana é uma remissão autobiográfica objectiva, ou seja, Etty fala de si na terceira pessoa em muitos passos do seu diário íntimo, como quem guarda distância e se olha de fora de si mesmo. De certo modo ambas as *raparigas* são exercícios de efabulação autobiográfica mais ou menos assumidos, cumprida por caminhos de escrita diversos: em Llansol, a figura ficcional aproxima-se da escritora, em Hillesum, a escritora afasta-se do sujeito de enunciação ao se figurar na terceira pessoa. O facto de Hillesum e Llansol se depararem com a experiência de se verter a vida em texto – seja este mais ou menos artístico ou com maior ou menor intenção ficcional ou objectividade – é o terreno comum que assegura a possibilidade deste encontro.

Se começássemos por definir a voz diarística de Llansol que melhor serve o encontro com a voz de Hillesum, cairíamos na ingenuidade e no risco de reduzir as possibilidades de se encontrar matéria de reflexão, além de se afigurar quimérico

---

<sup>6</sup> Lisboa: Relógio d'Água, 2003.

definir-se cientificamente o material diarístico llansoliano apto a ser confrontado com o material diarístico de Hillesum. Porque a matéria llansoliana é maturada mercê do tráfego de afecção mútua entre a escrita diária dos cadernos e o produto final de um livro publicado, obedecendo a uma coesão de sentido e a um tecido inconsútil de reflexão ética e estética que estão muito para lá do espaço e do tempo em que a escrita decorre e o livro nasce. Estamos perante um material profuso e plural, com marcas de hibridismo e com uma riqueza formal tal, que nos permite convocá-lo para um encontro análogo ao que ensaiamos nesta reflexão, sem o desvirtuar na sua identidade genológica. Por isso, permitimo-nos esbater aqui as fronteiras entre o dentro e o fora do texto ficcional, ou poético, em Llansol, tal como poderemos olhar pontualmente para os documentos históricos que são o diário e a correspondência de Hillesum à luz de um registo literário à partida não intencional.

Os escritos deixados por Hillesum são um diário, escrito entre os seus 27 e 29 anos (entre 1941 e 1943) e um conjunto de cartas dirigidas a amigos e a familiares, a partir de Amsterdão, onde vivia, ou do Campo de Trânsito de Westerbork, em cujo hospital improvisado ela se voluntariou para trabalhar, assumindo de forma inaudita o "destino colectivo" (expressão que aparece muitas vezes no seu diário) do seu povo. A razão pela qual Etty Hillesum iniciou a escrita de um diário aos 27 anos foi terapêutica, e portanto íntima: Julius Spier, um judeu de Frankfurt que se tinha refugiado em Amsterdão e que seguia um método algo singular de psicoterapia/psicanálise, foi uma figura muitíssimo importante na vida de Hillesum, um guia espiritual, que a desafiou a escrever um diário. Este dá testemunho, portanto, do percurso desta mulher, que se encontra como que dispersa de si mesma, debaixo de um grande sofrimento do ponto de vista anímico. É um diário que, numa perspectiva espiritual, nos dá a ver a conversão vivida por quem o escreve, ou, melhor dizendo e pegando na palavra "metanoia" e na sua origem grega, a 'mudança de razão', de perspectiva, de olhar sobre o que a rodeia e sobre o tempo-espaço que está a viver; porque, em bom rigor, é disso que se trata. A rápida fama destes escritos liga-se à reverberação que operaram no seio da comunidade judaica e muito particularmente entre os cristãos, mal foi publicada, em 1981, a primeira selecção de entradas do diário, cerca de 40 anos depois da morte de Hillesum — o prefácio da edição francesa dos seus escritos que está na biblioteca de Llansol di-lo de forma sintomática: Etty Hillesum entra na

"História" com 40 anos de décalage<sup>7</sup>. A correspondência de Hillesum, publicada entre nós na íntegra em 2009<sup>8</sup>, constitui um complemento interessante ao que lemos no diário, se bem que o facto de se tratar de cartas dirigidas a amigos e familiares condicione a sua escrita em dois sentidos interessantes. Um primeiro, que nos mostra um escrever gradualmente dissimulado (porque havia a malha da censura, cada vez mais apertada, no tráfego de correspondência entre o campo de trânsito e o seu exterior), mas também marcado pelo destinatário e pelos fins específicos de cada carta. E um segundo sentido, que decorre do primeiro e que nos mostra a cada carta um depuramento da linguagem que desnuda a matéria de que se fazem os dias vividos no campo de concentração, linhas de um texto que nos deixam num desalinho sem retorno.

O diário íntimo de Hillesum, como qualquer diário, experimenta uma tensão endógena ao gesto de se escrever a vida, não resolúvel (sendo que não seria nunca necessário resolvê-la...), que compreende uma espécie de dupla presença no texto escrito: a presença da vida retratada enquanto memória (verdadeira) do vivido, e a presença de uma efabulação, que decorre das opções mais ou menos conscientes de quem escreve o texto. Falar de "tensão" só faz sentido, se pensarmos na relação entre verdade e ficção, ou, num plano mais abstracto, entre vida e arte; cremos tratar-se de uma falsa questão, preferindo falar, quanto à escrita diarística, de complementaridade e reciprocidade, na medida em que a fixação da verdade não dispensa o necessário artifício das palavras (uma espécie de tempero discursivo), ou na medida em que o escrever experimenta, por si só, a via e o obstáculo no acedermos à verdade. Em Hillesum esta tensão entre verdade e ficção passa para lá do que é próprio discutirmos quanto aos estudos da memória e do discurso literário autobiográfico ou da narrativa histórica objectiva da vida, sob a forma de um diário. O seu diário dá o testemunho de algo mais do que isso, que coincide com essa efabulação de uma rapariga, alguém que é singularmente, mas não exclusivamente, ela mesma. O sujeito de enunciação, para além de dar voz ao imediato que vive (no seu fazer e no seu sentir), coincidindo com uma voz empírica, histórica, parece dar voz a uma outra história a partir do mesmo material, onde se vai desenhando uma segunda figura, uma possibilidade de ser, adensando significativamente a matéria do diário. A explicação que encontramos para este adensamento da voz está na postura que a dada altura vemos Hillesum assumir

---

<sup>7</sup> *Une vie bouleversée (journal 1041-1943)...*, op. cit., p.l.

<sup>8</sup> *Cartas 1941-1943*, trad. de Ana Leonor Duarte e Patrícia Couto, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

perante a vida que narra no seu diário, o que é o mesmo que dizermos perante o espaço-tempo em que escreve: para além de narrar o que vai acontecendo nos dias, entre Amsterdão e Westerbork, o sujeito de enunciação projecta-se no vivo (pedindo emprestada a palavra a Llansol<sup>9</sup>) em que se encontra, sai de si para estar no mundo em que vive, e como que se reconfigura nesse mundo, votando-se a ser parte de algo mais, para além de si mesmo e do visível dos dias, para que nada seja em vão. Esta postura clarifica-se através de uma entrada do diário que nos parece comprová-la em absoluto – um sair de si, ciente de si mesmo, para voltar a entrar em si, manifestando uma ipseidade integrada no mundo em que vive, aberta a esse mundo e disposta a operar nele, nunca saindo da sua mais concreta materialidade:

Isto ainda conta: saber intimamente que o meu desejo se há-de realizar, que um dia hei-de ir à Rússia, que um dia irei ser um dos muito pequenos elos entre a Europa e a Rússia. Essa é uma certeza que tenho dentro de mim, que não é perturbada pela nova certeza: que querem o nosso extermínio. Também isso eu aceito. Sei-o agora. Não vou incomodar outros com os meus medos, não vou ficar amargurada se outras pessoas não entenderem do que se trata, para nós, judeus. Esta certeza não vai ser corroída ou invalidada pela outra. Trabalho e vivo com a mesma convicção e acho a vida preme de sentido, cheia de sentido apesar de tudo, embora já não me atreva a dizer uma coisa dessas em grupo. O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas nos meus pés gastos e o jasmim atrás do quintal, as perseguições, as incontáveis violências gratuitas, tudo e tudo em mim é como se fosse uma forte unidade, e eu aceito tudo como uma unidade e começo a entender cada vez melhor, espontaneamente para mim, sem que ainda o consiga explicar a alguém, como é que as coisas são. Gostava de viver longamente para, no fim, mais tarde, conseguir explicar, e se isso não me for dado, pois bem, nesse caso uma outra pessoa irá fazê-lo e então um outro continuará a viver a minha vida, ali onde a minha foi interrompida, e por isso tenho de viver a minha vida tão bem e tão completa e convincentemente quanto possível até ao meu derradeiro suspiro, para que o que vem a seguir não precise de começar de novo nem tenha as mesmas dificuldades. (entrada de "3 de Julho de 1942. Sexta-feira às oito e meia."<sup>10</sup>)

Este passo decorre de um outro, onde o sujeito de enunciação enumera as várias restrições infligidas aos judeus, os efeitos de degradação da sua qualidade de vida e da sua saúde, num quotidiano cada vez mais limitado e difícil em Amsterdão. Naturalmente que estamos perante a dinâmica própria da escrita de um diário: o registo do que se passa no quotidiano é filtrado por uma reflexão escrita que lhe

---

<sup>9</sup> Trata-se do "contrato com o vivo" selado no texto de Maria Gabriela Llansol; in *O senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002, p.323. O termo surge, no entanto, em múltiplos lugares do texto llansoliano.

<sup>10</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.217.

confere o necessário sentido. Mas há aqui alguns aspectos que merecem ser isolados, para que possamos aferir sobre o grau de mútua "contaminação", digamos, entre a esfera empírica e a esfera diarística, dando a ver uma interessante permuta entre o viver e o escrever, que quebra a eventual hierarquia entre ambos. Antes de mais, note-se o registo escrito de uma diversidade de elementos que, co-existindo no quotidiano de Hillesum muito provavelmente segundo uma determinada ordem exterior a ela mesma (entre as questões filosóficas, invisíveis, do "viver e o morrer" e a materialidade do "jasmim atrás do quintal"), assomem no texto com uma relativa neutralidade e sem qualquer hierarquia entre si, favorecendo-se um mesmo grau de atenção a todos, todos matéria de afecção, a partir da qual o sujeito de enunciação encontra um sentido. Mais do que ser o modo de Hillesum descrever a "forte unidade" que sente em si entre todos estes elementos e a sua incontestável diversidade, a sua escrita diarística consagra uma ipseidade que se cumpre a partir desse mesmo diverso (por vezes inconciliável e necessariamente fragmentário), habitando o mundo enquanto circunstância irredutível. O seu diário testemunha uma vida que se vê como singularidade absoluta, não vã, na medida em que o sujeito de enunciação firma a responsabilidade da mulher perante o espaço-tempo que lhe é dado ocupar, enquadrando o seu papel numa continuidade de ser que está para além desse espaço-tempo restrito. E, ao estabelecer, pela escrita, um elo fundamental com uma cadeia do ser que não se resume aos factos visíveis ou menos visíveis dos dias, Hillesum opta pela singularidade, face à contingência com que poderia também perspectivar a sua vida. É como se soubesse, com Walter Benjamin, que "fomos esperados sobre esta Terra"<sup>11</sup>, projectando-se, no momento vivido no presente, em relação com os que vierem depois.

Mas sobretudo Hillesum vai ao encontro de Espinosa e da sua noção de "coisa singular" (*Ética* II, Def.VII<sup>12</sup>): "Por coisas singulares, entendo as coisas que são finitas e têm uma existência determinada." Este enunciado lapidar de Espinosa, que se segue a um outro que identifica realidade e perfeição<sup>13</sup>, enquadra a singularidade que é o indivíduo (palavra que no texto espinosiano não se refere só ao ser humano), numa concepção eudemonista da existência, na sequência da definição de Deus como causa de si, substância que "é em si e se concebe por si" (Et I, Def. III), "ente absolutamente

---

<sup>11</sup> Segunda tese de "Sobre o conceito da história", in *O anjo da história. Obras escolhidas de Walter Benjamin*, vol.4, edição e tradução de João Barrento, Lisboa: Assírio & Alvim, p.10.

<sup>12</sup> Espinosa, *Ética*, trad., introd. e notas de Diogo Pires Aurélio, Lisboa: Relógio d'Água, 2020, p.150.

<sup>13</sup> "Por realidade e perfeição, entendo o mesmo." (Et. II, Def. VI), *Ética*, op. cit., p.150.

infinito que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita" (Et I, Def. VI<sup>14</sup>). Acresce que, para Espinosa, "na natureza das coisas não se dá nada de contingente; tudo está, antes, determinado pela necessidade da natureza divina a existir e a operar de um certo modo" (Et I, Prop. XXIX<sup>15</sup>). Neste sentido, a "coisa singular", finita e determinada, é-o na justa medida em que afirma a essência perfeita, a potência infinita do Ser e da natureza; o que é o mesmo que falarmos, com Misrahi, de uma delimitação exacta que faz com que um indivíduo seja um indivíduo, ou seja, a determinação de uma realidade finita, ou singularidade<sup>16</sup>.

Olhando ainda para o passo citado acima, vale a pena citar as palavras de Silvina Rodrigues Lopes a propósito, precisamente, da relação entre literatura e circunstância, pois vão ao encontro do conceito espinosiano de "coisa singular" e constituem uma oportuna chave de leitura do diário de Hillesum:

Só o irrepitível na unicidade do seu "aqui e agora" possui a força abismal que é abertura de sentido, excesso constitutivo de uma relação em que o singular se afirma nos limites da linguagem. O tempo em que cada coisa é, tempo da relação, corresponde à afirmação da circunstância. Por isso o reconhecimento da nossa finitude está implicado no nosso fazer sentido, quebra da pura repetição maquínica e construção de formas discursivas abertas ao infinito enquanto dispositivos geradores de significância e não apenas de significado.<sup>17</sup>

É na sua relação estreita com a concretude do presente vivo, com o que é circunstancial mas nem por isso menos essencial, que o diário de Hillesum se estrutura: a escrita é simultaneamente interrupção de um real (na medida em que fixa o seu *aqui e agora irrepitível*, como Silvina Rodrigues Lopes acima esclarece) e seu cumprimento pleno (na medida em que o *abre ao infinito*, usando de novo as ideias de Silvina Rodrigues Lopes), inscrevendo nele uma forma de (ir)realidade de que também se faz. Ou seja, a efabulação que o diário necessariamente constitui garante a veracidade (não verosimilhança, não imitação) do real de que fala, dando a ver (ou pelo menos vislumbrando) o que Llansol apelida de *reais-não-existentes* (como lemos

---

<sup>14</sup> *Ética*, op. cit., p.109.

<sup>15</sup> *Ética*, op. cit., p.133.

<sup>16</sup> Adoptamos aqui a explicação de Robert Misrahi quanto à definição espinosiana de "coisa singular", que faz uma distinção muito vincada entre "existência determinada" e a concepção da filosofia existencial cristã de finitude e de determinismo, que apontam, precisamente, para uma noção incompleta e imperfeita do Ser, emanada de Deus; in *Éthique*, introduction, traduction et commentaires de Robert Misrahi, Paris/Tel-Aviv: Éditions de l'éclat, 2005, p.368.

<sup>17</sup> "Literatura e circunstância", in *Anomalia poética*, Lisboa: edições VendaVal, 2005, p.12.

em *Finita*<sup>18</sup>), por contraste aos *existentes-não-reais* (de que fala no seu discurso de agradecimento do Grande Prémio do Romance e da Novela de 1990<sup>19</sup>).

Assim, a escrita do diário em Hillesum não é simplesmente um relato para fixar a memória dos dias, num discurso tendencialmente unívoco, linear e verosimilhante, que venha a ser lido pel' "o que vem a seguir", mas uma potenciação de vida a partir da matéria-prima dos dias, da experiência múltipla e profusa que atravessa esta mulher, que só no processo de escrita devém sujeito (de enunciação), na medida em que se vota a uma espécie de drama ou conflito onde se redescobre Eu, para lá de toda a circunstância de onde parte. Neste sentido, a escrita hillesiana aproxima-se do modo como Llansol encara o escrever; em *Um falcão no punho. Diário I* encontramos uma reflexão que defende uma mesma reciprocidade entre o escrever e o viver que acabamos de descrever em Hillesum:

Noto que eu não espero para escrever, nem deixo de escrever para passar pela experiência que produz a escrita; tudo é simultâneo e tem as mesmas raízes, escrever é o duplo de viver; poderia dar, como explicação, que é da mesma natureza que abrir a porta da rua, dar de comer aos animais, ou encontrar alguém que tem o lugar de sopro no meu destino.<sup>20</sup>

Por todos estes elementos que temos vindo a descrever, a figura que encontramos desenhada no diário de Hillesum não está acabada, tem traços de constante transitoriedade e abre-se continuamente à transformação, na justa medida em que se vota à relação com a experiência que a atravessa. Precisamente no ter consciência de ser "coisa singular", *finita* e *determinada*, radica, também, o poder de escrevê-lo; a finitude em Hillesum não é falha, ou imperfeição, é ponto de abertura para o infinito, vertendo em escrita as afecções do Eu, como vemos na citação acima: o sujeito enunciador deseja ("o meu desejo"; "Gostava de..."), sabe ("saber intimamente que..."; "Sei-o agora"), aceita e decide ("eu aceito"; "eu aceito tudo"; "não vou incomodar..."; "não vou ficar..."; "não vai ser..."; "tenho de viver..."), consegue entender e não consegue explicar, mas espera conseguir mais tarde. É, portanto, na afirmação da sua absoluta singularidade que é permitido a Hillesum abrir, pela escrita,

---

<sup>18</sup> "Em que momento eu soube que só criando reais-não-existentes, como o Augusto lhes chama, abriríamos acesso a essas fontes?"; entrada de Lovaina, 13 de Fevereiro de 1975, in *Finita. Diário II*, 2ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p.35.

<sup>19</sup> "O dom poético é, para mim, a imaginação criadora própria do corpo de afectos, agindo sobre o território das forças virtuais, a que poderíamos chamar os *existentes-não-reais*." in *Lisboaleipzig I. O encontro inesperado do diverso*, 2ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim, 2014, p.129.

<sup>20</sup> Llansol, Maria Gabriela, *Um falcão no punho. Diário I*, 2ª ed.: Lisboa, Relógio d'Água, 1998 (1985), p.73.

o caminho de rasura da história, ou da História que ela própria antecipa como uma certeza: "querem o nosso extermínio". E daí exprimir um confronto de certezas que não se anulam entre si, antes clarificam a decisão de viver. A escrita diarística de Hillesum não se abstrai do vivido imediato, pois é nele que se projecta para lá dele, fora do espaço-tempo em que decorre, constituindo um testemunho que, em vez de organizar discursivamente a vida numa memória que a imita, vota-se a potenciar a experiência da vida como abertura a múltiplos sentidos, acolhendo *os que vierem a seguir*.

**"Passo pelas pessoas como se fossem plantio e verifico que altura a vegetação humana atingiu."**<sup>21</sup>

**" \_\_\_\_\_ eu sou testemunho desse mundo ignoto que se levanta, // e só por isso escrevo um diário."**<sup>22</sup>

Um dos temas recorrentes no diário de Etty Hillesum é a sua relação com as palavras, ponderação que muitas vezes coincide com o lugar da literatura na sua vida, entre as leituras que faz, os poetas/escritores da sua eleição, e o seu próprio projecto de vir, ela mesma, a ser poeta/escritora. Em geral, este desejo é expresso, no diário, a par de reflexões sobre os tempos que se vivem e que impedirão a escritora de dar largas ao seu projecto, adiando-o para uma altura mais propícia; mas também vemos Hillesum dizer que o que experimenta e vê no seu difícil e cada vez mais estranho quotidiano merece registo urgente e com as palavras certas, de que só um poeta é capaz:

Há um silêncio desmedido a crescer dentro de mim. E à volta dele fluem tantas palavras que te cansam, porque não há nada para exprimir com elas. Deve cada vez mais poupar-se palavras banais a fim de achar aquelas de que uma pessoa precisa. E através do silêncio deve crescer a nova possibilidade de expressão. (entrada de "25 de Julho [1942]. Sábado de manhã às 9"<sup>23</sup>)

Serei mais tarde cronista das nossas vicissitudes. Forjarei uma nova linguagem em mim e guardá-la-ei se não tiver a oportunidade de escrever alguma coisa. Tornar-me-ei sensível e ressuscitarei e cairei morta; e ressuscitarei novamente. Pode ser que então mais tarde tenha um espaço tranquilo em meu redor e, nesse caso, hei-de ficar tanto tempo lá sentada, mesmo que por um ano, até a vida brotar de novo em mim e as palavras que darão testemunho daquilo que

---

<sup>21</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.297.

<sup>22</sup> Llansol, *O azul imperfeito. Livro de Horas V*, selecção, transcrição, introdução e notas de Maria Etelvina Santos, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015, p.171.

<sup>23</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.272.

terá de ser testemunhado me surgirem. (entrada de "28 de Julho [1942] Terça-feira. Muitíssimo mais tarde"<sup>24</sup>)

Como é que alguma vez vou conseguir descrever tudo isto? Descrever de modo que outros também consigam sentir como na realidade a vida é bela, digna de ser vivida e justa, sim, justa. Talvez Deus me dê um dia as tais palavras simples! Palavras coloridas e apaixonadas e igualmente sérias, mas sobretudo simples. (entrada de "[Terça-feira] 22 de Setembro [1942]"<sup>25</sup>)

Claro, é o extermínio total, mas suportemo-lo sobretudo com graciosidade.

Não existe um poeta dentro de mim, há sim um pedaço de Deus em mim que poderia desenvolver-se até se tornar poeta. Num campo assim tem de haver contudo um poeta que experiencie a vida lá, lá também, e que como poeta a possa cantar. (entrada de "3 de Outubro de 1942"<sup>26</sup>)

É curioso constatar a consciência aguda em Hillesum sobre o poder ou a impotência das palavras, manifestando o sentimento forte de existir um fosso quase intransponível entre a violência do quotidiano vivido e o testemunho que urge deixar. E no entanto, ao contrário do que numa primeira leitura estes enunciados poderão dar a entender, vemos que é precisamente a experiência radical do viver que faz surgir o dom de escrever que Hillesum vê sempre adiado. Por outro lado, à medida que se progride na leitura do seu diário, assistimos a um caminho que parte do cumprimento pessoal, íntimo, de uma tarefa terapêutica, para lentamente se transformar em repositório da matéria de que se fará o futuro testemunho, acabando por ser um *corpus* de escrita que Hillesum tem o cuidado de deixar em mãos seguras, legando-o para memória futura. E aqui ocorre-nos a famosa fórmula llansoliana, "escrevo \_\_\_\_\_ para que o romance não morra", proferida no seu discurso de agradecimento do Grande Prémio da Novela e do Romance, da Associação Portuguesa de Escritores, atribuído a *Um beijo dado mais tarde*, em 1990<sup>27</sup>. É este sentido de urgência que norteia, a dada altura, a escrita hillesiana, e que se afigura comum à urgência de escrita llansoliana, pesem embora as circunstâncias tão diversas em que ambas escrevem. E no entanto... o espaço-tempo da história que Llansol nos ensina a rasurar, ajudando-nos a vislumbrar um real como que proscrito e "afabado pelo *assim* é da história"<sup>28</sup>, essa rasura poderá contrastar num primeiro olhar com o cuidado que Hillesum manifesta em

---

<sup>24</sup> In *Diário 1941-1943*, op. cit., p.276.

<sup>25</sup> In *Diário 1941-1943*, op. cit., p.297.

<sup>26</sup> In *Diário 1941-1943*, op. cit., p.323.

<sup>27</sup> In *Lisboaleipzig I. O encontro inesperado do diverso*, op. cit., p.125.

<sup>28</sup> In *O senhor de Herbais...*, op. cit., p.323.

fixar a história, quando, na verdade, estamos perante uma mesma atitude — o que mais importa é apurar o olhar, perspectivar a realidade de determinado modo, demitindo os conceitos e o ruído que estes contêm e que impede a liberdade de ser, apesar do sofrimento:

Consigo sempre arrancá-las [as *minhas forças criadoras*] das garras das preocupações diárias e dos temores, consigo sempre fazer com que elas se tornem menos prisioneiras das necessidades materiais, dos conceitos de fome e de frio e de perigo. No fim trata-se sempre do conceito e não da realidade. A realidade é algo que uma pessoa precisa de assumir; todo o sofrimento que a acompanha, todas as dificuldades que uma pessoa tem de assumir e arcar, ao arcar já aumenta a capacidade de resistência. Mas o conceito de sofrimento (que não é realmente «sofrimento», pois sofrer é em si frutuoso e pode tornar a vida em algo precioso) deve ser desfeito. E se uma pessoa desfaz os conceitos, nos quais a vida está como que aprisionada entre grades, então a pessoa liberta a verdadeira vida dentro de si, mais as forças que lá tem dentro e, conseqüentemente, uma pessoa terá também as forças para arcar com o verdadeiro sofrimento presente na sua própria vida e na do resto da humanidade. (entrada de "[Quarta-feira] 30 de Setembro [1942]"<sup>29</sup>)

Erradicar os conceitos em Hillesum leva-nos a convocar, em Llansol, a efabulação de um processo de *desmemória*, concretizado no que se chama de "jogo da liberdade da alma", através do qual se buscam, pela linguagem do corpo em relação com o que o rodeia, novos modos de olhar para o real. A dada altura desta narrativa da *desmemória* lemos: "Perder a memória, não ter memória, pensei, é absorver o presente numa constante iniciação, // encontrar-se num estado de nudez."; ou, mais adiante: "Sem uma memória decidida, // as coisas desconhecidas flutuam."<sup>30</sup>

São muitos os passos em que vemos traçar-se no diário de Hillesum um caminho rumo ao júbilo e à assumpção de que o fundamental da vida não pode ser roubado pelo agressor nazi: "É o sentimento de inevitabilidade e a aceitação dela [da sua "ruína", ou seja, da deportação e morte], e ao mesmo tempo saber que, em última instância, nada nos poderá ser tirado." (entrada de "11 de Julho de 1942. Sábado às 11 horas da manhã"<sup>31</sup>). A opção de não resistir à deportação e extermínio inelutáveis coloca esta mulher num lugar de abertura à experiência imediata, livre e inaudita da

---

<sup>29</sup> In *Diário 1941-1943*, op. cit., p.315.

<sup>30</sup> Llansol, Maria Gabriela, *O jogo da liberdade da alma*, Lisboa: Relógio d'Água, 2003, p.35 e p.37. Para uma leitura crítica deste "jogo", sob o signo do pensamento ético de Espinosa, cf. Rodrigues, Cristiana V., "Gabriela Llansol, Giorgio Agamben, e o Jogo", in *O jogo do mundo*, coord. de Margarida S. Alpalhão, Carlos C. Carreto e Isabel de Barros Dias, Lisboa: IELT - Nova FCSH, 2017, pp.373-397.

<sup>31</sup> In *Diário 1941-1943*, op. cit., p. 250.

vida, sem abdicar, nem da profunda consciência de si no mundo, nem da profunda atenção ao que se passa à sua volta:

E o pavor estampado naquelas caras. Todas essas caras, meu Deus, essas caras! Agora vou para a cama. Espero ser um núcleo de serenidade naquele manicómio. (entrada de "[Quinta-feira] 16 de Julho [1942], às nove e meia da noite"<sup>32</sup>)

Uma vez escrevi num dos meus diários: «Gostava de tactear com as pontas dos dedos os contornos desta época.» Nessa altura estava sentada à minha secretária sem saber bem como atingir a vida. Isso era por eu ainda não ter chegado à vida dentro de mim. [...] Por ter aprendido a ler-me a mim própria, percebi que podia fazer igualmente a leitura dos outros. É como se realmente, lá, as pontas sensíveis dos meus dedos tivessem seguido ao longo dos contornos da época e da vida. Como é que é possível que essa extensão de urzal cercada por arame farpado — onde tanto destino e sofrimento humanos chegam e partem — permaneça uma recordação quase carinhosa na minha memória? Por que motivo o meu espírito não obscureceu lá, mas, pelo contrário, ficou mais claro e lúcido? Nesse lugar li algo destes tempos que não me parece destituído de sentido. (entrada de "[Terça-feira] 22 de Setembro [1942]"<sup>33</sup>)

E onde uma pessoa está, ser totalmente, cem por cento ser. (entrada de "[Quarta-feira] 30 de Setembro [1942]"<sup>34</sup>)

Não quero absolutamente nada ficar na posse desses papéis pelos quais os judeus travam lutas de morte uns com os outros. Porque é que eles me vêm parar espontaneamente às mãos? Gostaria de estar em todos os campos da Europa, estar em todas as frentes, eu não quero estar «a salvo», por assim dizer. (entrada de "Sexta-feira [2 de Outubro de 1942] ao fim da tarde"<sup>35</sup>)

Quero andar pelo mundo fora e ver com os meus olhos e ouvir com os meus ouvidos o que aconteceu àqueles que deixámos partir. (entrada de "Sexta-feira [2 de Outubro de 1942] mais tarde"<sup>36</sup>)

Sou mesmo o tipo de pessoa que é parte de uma comunidade, meu Deus, eu nem sabia que era assim tanto. Quero estar entre as pessoas, entre os medos, quero observar tudo com os meus próprios olhos e contar mais tarde. (entrada de "Sábado de manhã [3 de Outubro de 1942] às seis e meia, na casa de banho"<sup>37</sup>)

---

<sup>32</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.261.

<sup>33</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.296. Este passo continua numa reflexão muito interessante e de assinalável importância para se entender bem como o viver e o escrever operam em permuta de sentido.

<sup>34</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.313.

<sup>35</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.320.

<sup>36</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.320.

<sup>37</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.321-322.

Numa interessante reflexão sobre os seus escritos, Maria Filomena Molder demora-se sobre a interrogação de Ety Hillesum entre o viver e o poder de escrever, concluindo sobre o definitivo contorno poético da escrita de Hillesum: "Se só um poeta poderia fazer-nos ver o que ela estava a ver, só um exercício de renúncia poética, que também nunca é a vencedora definitiva, lhe permitiu não se enganar sobre a realidade que era forçada a viver."<sup>38</sup>

O lugar que Hillesum busca habitar, no contexto da mais organizada opressão e violência do homem sobre o homem, é o de simplesmente existir, libertando-se de tudo o que tolhe o ser e o aprisiona no que em *O Senhor de Herbais* se define como "o pensamento judicativo"<sup>39</sup>, uma das modalidades de pensamento que a figura que nesse livro é o Senhor de Herbais (ou o "mundo") atravessa, numa longa e lenta transformação (uma "cisma" disposta por 9 meditações<sup>40</sup>) que sofre para se tornar "mundo humano"<sup>41</sup>. O *pensamento judicativo*, ou "pensamento que julga"<sup>42</sup>, reflecte precisamente a postura do que se sujeita a sofrer, julgando e condenando o outro que denuncia como agressor (e o inverso também é válido). Esta postura não permite investir a atenção e o olhar crítico ao essencial da vida, distraíndo-o com o conflito e o confronto. O texto llansoliano dispõe-se a reflectir sobre esta matéria, falando da condenação a que estão votados os que são oprimidos, referindo-se às gentes que habitam Herbais (Bélgica) e que são vítimas do poder, domínio e inflexibilidade do Senhor de Herbais: "Gente boa, em suma. Gente do tempo e do mundo, como lhes chamava no meu íntimo. Gerados para a derrota, dotados de um incalculável potencial de ressentimento."<sup>43</sup> Na narrativa da "cisma" do Senhor de Herbais, a comunidade que acolhe esta figura de domínio e opressão (mas nem por isso menos *ressentida* ou *derrotada*) e que acompanha a sua transformação, vai pontuando toda a cena com a defesa de um caminho de bondade e de abertura à diversidade; esta comunidade é feita de uma miríade de figuras, humanas e não humanas, algumas resgatadas da História, que atravessam todo o texto llansoliano. Num curto diálogo entre dois dos seus membros, Ana de Peñalosa e Tomás Müntzer, deixa-se bem claro que o

---

<sup>38</sup> Molder, Maria Filomena, "A diferença entre salvar [zu retten] e libertar [zu erlösen] a existência pessoal", in *3 Conferências. Primeira: Lança o teu pão sobre as águas (sobre o Qohélet / Ecclesiastes)*, Lisboa: Edições do Saguão, 2021, p.253.

<sup>39</sup> In *O Senhor de Herbais*, op. cit., p.252

<sup>40</sup> *Ibidem*, pp.285-320.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p.321.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.251s.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.15.

*pensamento judicativo* não tem lugar possível nesse lugar habitado por todos, defendendo-se aí uma postura que é muito próxima da que Hillesum dá testemunho no seu diário:

[...]

há ainda um resto de diálogo que tarda em murchar «não está escrito que, no final, virá judicar os vivos e os mortos?», pergunta Tomás. Ninguém lhe responde «mas a qual deles, ao bem ou ao mal, caberá o poder de judicar?», insiste Müntzer, apertando a cabeça ao peito. «Tomás, abandona essa ideia», responde-lhe Ana, «não haverá juízo final». «Não haverá qualquer ajuste de contas?», reage a sua alma efervescente de clérigo.

— Não — elucida-o Ana com bondade.

— Talvez seja melhor assim — anuiu num quase silêncio\_\_\_\_\_ este seria o tema da sua próxima pregação. Mas como iria ele explicar aos camponeses de Herbais a infinita diversidade do Senhor? A haver poder, estaria certamente entre eles, entre o chão e o manto branco do texto que os cobria,

e seus dedos percorriam com delicadeza os lábios da própria boca para melhor compreender esse pensamento. [...] <sup>44</sup>

Maria Filomena Molder detém-se na sua reflexão sobre este aspecto vital de não haver em Hillesum, nem julgamento e condenação, nem cedência ou subjugação à extrema violência nazi: "Não pode haver humilhação sem haver aquele que humilha e aquele que é humilhado, isso, porém, ainda não é suficiente, falta aquele que se deixa humilhar e se sente humilhado."<sup>45</sup> Ligando a postura ética de Hillesum ao pensamento de Walter Benjamin, Molder esclarece a partir deste último a diferença fundamental entre "salvar-se" e "libertar-se", optando Hillesum definitivamente pela segunda palavra e norteando todo o seu caminho espiritual neste mesmo sentido, a contrapêlo do que comumente se vê no seio da comunidade judaica, a que pertence, enredada nas malhas do agressor nazi. Tudo isto ajuda-nos a compreender a alegria com que parte para Auschwitz, e que manifesta em postais que escreve e que atira para fora do comboio já em andamento, dizendo que deixou o campo de Westerbork a cantar<sup>46</sup>; ou a opção de dar atenção ao que realmente importa, no meio de dias caóticos vividos no Conselho Judaico em Amsterdão, onde a dada altura passou a trabalhar como dactilógrafa:

Há uma centena de pessoas a conferenciar a monte numa divisão pequena, as máquinas de escrever fazem barulho, e eu estou sentada num cantinho qualquer e leio Rilke. Ontem, a meio

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.254.

<sup>45</sup> Molder, Maria Filomena, *op. cit.*, p.245.

<sup>46</sup> Postal dirigido a Christine van Nooten, arredores de Glimmen, terça-feira, 7 de Setembro de 1943, in *Cartas 1941-1943*, *op. cit.*, pp.237-238 e p.261.

da manhã, fizemos uma mudança de repente, mesas e cadeiras foram retiradas debaixo do meu rabo, pessoas à espera invadiram o espaço, toda a gente dava ordens e contra-ordens, envolvendo mesmo a mais mísera cadeira, mas a Etty estava sentada no chão imundo, a um cantinho, entre a máquina de escrever e um saco de sanduíches, a ler Rilke. (entrada de "25 de Julho [1942]. Sábado de manhã às 9 horas"<sup>47</sup>)

Na verdade, o viver e o escrever afectam-se mutuamente em Etty Hillesum, não se distinguindo bem o que advém do quê, num caminho que se faz da maturação de ordem ética e espiritual, de que se dá testemunho na intensidade das imagens e nas palavras de um discurso depuradíssimo sobre a realidade que se atravessa, e que, em grande parte, lhe é cada vez mais estranha, dada a sua condição de banida. Precisamente este estranhamento tem duas consequências, uma das quais já temos vindo a trabalhar nesta reflexão: é um estranhamento que coloca esta mulher na rota do fazer poético, na medida em que opera como que uma separação, uma cisão de si, não para habitar a dilaceração, mas para extrair ao máximo as possibilidades de ser na consciência extrema de se olhar a si mesmo como outro, como um estranho, de forma a saber ser no mundo e na sua imensa diversidade. A segunda consequência, ligada à primeira, diz respeito à condição errante com que Etty Hillesum passa a encarar o devir e a escrita. É um estranho na sua própria pele, e nessa condição ela tem o poder de decisão, possui a liberdade de escolher que nada faz para se salvar da deportação; pelo contrário, ela dá alguns passos no sentido desse mesmo destino, manifestando em alguns momentos mesmo o desejo de ir no comboio para Auschwitz, de tudo ver, para poder escrever. O estatuto de banida e de deslocada para lugares estranhos abre-lhe a promessa de um recomeço a partir do desconhecido que a aguarda: "Muitas vezes senti-me, e ainda me sinto, como um navio que recolheu uma carga preciosa a bordo. Os cabos foram cortados e agora o navio navega plenamente livre e por todos os países levando consigo a carga preciosa" (entrada de "Domingo à noite, meados de Setembro de 1942"<sup>48</sup>).

---

<sup>47</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, pp.270-271.

<sup>48</sup> In *Diário 1941-1943, op. cit.*, p.294.